

Espiritualidade e Educação: reflexões e implicações na prática do pedagogo¹

Espiritualidad y educación: reflexiones e implicaciones para la práctica del educador.

Spirituality and Education: reflections and implications for the educator's practice.

Renan Bieger da Silva²

Manoella Branda Santiago³

Estela Maris Giordani⁴

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a espiritualidade e suas implicações na prática pedagógica, especialmente no contexto da atuação do pedagogo no ambiente escolar. A motivação para esta pesquisa surgiu da constatação de que a dimensão espiritual, apesar de sua relevância para o desenvolvimento integral do ser humano, ainda recebe pouca atenção na formação docente. Observamos que muitos estudantes enfrentam desafios emocionais, sociais e existenciais fora do ambiente escolar, os quais inevitavelmente impactam sua aprendizagem e convivência. Nesse sentido, a espiritualidade pode desempenhar um papel importante ao oferecer sentido à vida, promover esperança e contribuir para o equilíbrio emocional, favorecendo uma visão mais ampla e humanizada de si mesmo e do outro. Neste estudo, buscamos compreender como a espiritualidade pode contribuir para a formação integral do sujeito no contexto educacional, diferenciando-a de concepções religiosas e aproximando-a de valores universais que favoreçam o bem-estar e um ambiente escolar mais acolhedor. A partir dessa perspectiva, investigamos de que forma essa dimensão pode ser considerada na prática pedagógica, especialmente no trabalho do pedagogo, ampliando seu olhar para além das dimensões cognitivas e técnicas do ensino. Exploramos ao longo do estudo as contribuições da pedagogia ontopsicológica à prática do pedagogo em sala de aula. Percebemos a importância e pertinência do estudo e as possibilidades de contribuição que traz para as práticas dos pedagogos na educação dos jovens.

Palavras-Chave: Espiritualidade; Pedagogia Ontopsicológica; Prática pedagógica; Ensino-aprendizagem; Religiosidade.

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2025.

² Mestrando em Educação, Licenciado em Pedagogia; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; ufsmrenan@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; Santa Maria, Rio Grande do Sul e Brasil; manubrandasantiago@hotmail.com.

⁴ Doutorado; Universidade Federal de Santa Maria; Santa Maria, Rio Grande do Sul - Brasil; estela.giordani@ufsm.br.

Resumen

Este trabajo propone una reflexión sobre la espiritualidad y sus implicaciones para la práctica pedagógica, especialmente en el contexto del rol del educador en el entorno escolar. La motivación de esta investigación surgió de la observación de que la dimensión espiritual, a pesar de su relevancia para el desarrollo integral del ser humano, aún recibe poca atención en la formación docente. Observamos que muchos estudiantes enfrentan desafíos emocionales, sociales y existenciales fuera del entorno escolar, los cuales inevitablemente impactan su aprendizaje e interacción social. En este sentido, la espiritualidad puede desempeñar un papel importante al dar sentido a la vida, promover la esperanza y contribuir al equilibrio emocional, favoreciendo una visión más amplia y humanizada de uno mismo y de los demás. En este estudio, buscamos comprender cómo la espiritualidad puede contribuir a la formación integral del individuo en el contexto educativo, diferenciándola de las concepciones religiosas y acercándola a valores universales que promueven el bienestar y un ambiente escolar más acogedor. Desde esta perspectiva, investigamos cómo se puede considerar esta dimensión en la práctica pedagógica, especialmente en el trabajo del educador, ampliando su perspectiva más allá de las dimensiones cognitivas y técnicas de la enseñanza. A lo largo de este estudio, exploramos las contribuciones de la pedagogía ontopsicológica a la práctica docente en el aula. Reconocimos la importancia y relevancia del estudio y las posibles contribuciones que ofrece a la práctica docente en la educación de jóvenes.

Palabras-clave: Espiritualidad; Pedagogía Ontopsicológica; Práctica pedagógica; Enseñanza y aprendizaje; Religiosidad.

Abstract

This work proposes a reflection on spirituality and its implications for pedagogical practice, especially in the context of the educator's role in the school environment. The motivation for this research arose from the observation that the spiritual dimension, despite its relevance to the integral development of the human being, still receives little attention in teacher training. We observed that many students face emotional, social, and existential challenges outside the school environment, which inevitably impact their learning and social interaction. In this sense, spirituality can play an important role by giving meaning to life, promoting hope, and contributing to emotional balance, favoring a broader and more humanized view of oneself and others. In this study, we seek to understand how spirituality can contribute to the integral formation of the individual in the educational context, differentiating it from religious conceptions and bringing it closer to universal values that promote well-being and a more welcoming school environment. From this perspective, we investigated how this dimension can be considered in pedagogical practice, especially in the work of the educator, broadening their perspective beyond the cognitive and technical dimensions of teaching. Throughout this study, we explored the contributions of ontopsychological pedagogy to the practice of educators in the classroom. We recognized the importance and relevance of the study and the potential contributions it offers to the practices of educators in the education of young people.

Keywords: Spirituality; Ontopsychological pedagogy; Pedagogical practice; Teaching and learning; Religiosity.

1. Introdução

Pensar e refletir acerca da espiritualidade exige um afastamento da compreensão pessoal sobre o tema para ir ao encontro de reflexões que expandem os horizontes teóricos de quem o investiga. Nesse estudo, temos a intenção principal de elaborar reflexões partindo de fundamentos teóricos sobre o que tratam os autores sobre a espiritualidade, em especial, na implicância dessa compreensão nas práticas educativas de pedagogos.

Alguns autores abordam as facetas da composição do homem/humanidade, através de dimensões. Na educação, a busca central está na experimentação teórica de responder, por

meio da ação escolar-pedagógica, a complexa integralidade. Dentro da integralidade, as dimensões física, social talvez possam ser a de maior destaque na compreensão comum.

Ao longo da nossa caminhada, observamos que, a dimensão da espiritualidade é trabalhada, de forma mais intensa, na maioria das vezes, em escolas confessionais, cujo espaço desenvolve ações voltadas a essa dimensão de forma intencional e direcionada. Contudo, a espiritualidade, nesse sentido, não tem uma abordagem exclusiva de uma religião ou de religiosidade. Essa dimensão não está condensada na dinâmica normativa de como deve funcionar, ou seja, a construção de sentido sobre ela se pauta na experiência pessoal de cada indivíduo, tornando-a subjetiva.

Entendemos que a espiritualidade se manifesta de forma contextualizada. Quando tomada por essa perspectiva, é possível colocá-la direcionada dentro de uma realidade específica, como por exemplo, a espiritualidade de um professor, a espiritualidade do aluno, enfim, nas inúmeras possíveis categorias estabelecidas na sociedade. Essa afirmação torna possível pensar a espiritualidade como uma linha de pressupostos, mesmo que subjetivos, de ações, não necessariamente orgânicas, que geram uma valorização da vida, seja de quem experimenta a espiritualidade de forma consciente e busca evoluir a sua forma em si, seja de quem é tocado por uma elevação pessoal de quem busca crescer nessa dimensão.

Nesse sentido, a função da espiritualidade é conduzir o ser humano a elevar-se, propondo um conhecimento de si, seja nas potencialidades ou nas dificuldades. A potência da vivência da espiritualidade está diretamente ligada à compreensão da própria existência em relação às outras dimensões, palpáveis ou não.

Essa problemática introduz a espiritualidade numa outra questão: qual a espiritualidade que carrego? Refletir sobre isso pode ser árduo, afinal, é uma prática que vai ser feita de si, para si, em primeira instância. Como olhar para a prática pessoal, como pedagogo, como amigo, como família, sendo que essa dimensão não se caracteriza na materialidade, nem nas palavras?

Considerando essas premissas, temos como objetivo geral analisar a importância da espiritualidade para a formação integral do ser humano no contexto educacional, distinguindo-a da religiosidade, e investigar suas implicações práticas para a atuação do pedagogo no desenvolvimento de um ambiente escolar mais acolhedor, na promoção de valores universais e do bem-estar dos educandos. Definimos como objetivos específicos: 1)

estabelecer a distinção entre espiritualidade e religiosidade; 2) compreender como a espiritualidade está presente no contexto dos documentos legais da educação; 3) refletir como a espiritualidade pode ser trabalhada nos contextos educacionais escolares; 4) analisar os desafios e possibilidades da prática da espiritualidade do pedagogo a partir da pedagogia ontopsicológica.

A escolha pelo tema da espiritualidade, neste estudo, de final de curso, decorre de uma inquietude, em relação a pequena parcela dada no processo de formação de professores, visto a importância desse assunto e, a necessidade de conhecimento para o desenvolvimento de ações que contribuam para aproximar o fazer pedagógico dessa dimensão. Notamos que muitos estudantes enfrentam dificuldades e problemas em suas vidas fora da escola, como situações de violência, pobreza ou conflitos familiares. A partir de uma proposta pedagógica sobre espiritualidade, a escola pode oferecer uma forma de dar sentido à vida, esperança e equilíbrio emocional para aqueles que se encontram em situação vulnerável. Pois, as referências que os nossos estudantes possuem, nem sempre são suficientes ou sólidas para enfrentar e responder aos problemas simples da própria vida, os levando a situações extremas e contra si e os outros. Sem a dimensão da espiritualidade, as crianças, adolescentes e jovens desenvolvem uma visão limitada e antitética da vida que são parte, e por isso, estereotipada de si mesmos, vivendo a presença do outro de modo hostil, projetando a própria estranheza e limitação.

Tratar do tema da espiritualidade na educação é importante porque remete a compreensão do ser humano como um todo, formado não só pelo corpo e pela mente, mas também por sentimentos e uma dimensão mais profunda. A escola tem o papel de ajudar na formação completa da pessoa, cuidando de todas essas dimensões.

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, no qual, buscamos definir um objetivo geral a partir das nossas próprias preocupações, e assim foi construído um ensaio teórico reflexivo sobre o tema da espiritualidade. Para o desenvolvimento deste trabalho, inicialmente vamos estabelecer as discussões acerca da distinção entre religiosidade e espiritualidade. Em seguida trazemos o debate sobre a legislação educacional. E, por fim, entramos no campo da prática do pedagogo elucidando como a espiritualidade pode ser trabalhada e as contribuições da pedagogia ontopsicológica.

2. A espiritualidade para além da religião: reflexões e possibilidades

A espiritualidade é uma parte importante da vida humana que envolve a busca por sentido, propósito e conexão com algo maior do que nós mesmos. Segundo Afonso Murad (2000, p. 45), “a espiritualidade não se limita à dimensão religiosa, mas envolve uma busca constante por sentido, valores e propósito que orientam a existência humana.”

Para o teólogo Paul Tillich (1979, p. 25), a espiritualidade está ligada à “preocupação última” do ser humano, ou seja, aquilo que realmente importa para cada pessoa em sua existência. Tillich entende que espiritualidade é a experiência da profundidade da vida, um contato com a “realidade última” que transcende o mundo físico. Essa dimensão da vida ajuda a pessoa a enfrentar dificuldades, encontrar força interior e dar significado às suas ações e escolhas. Ainda, Viktor Frankl entende a espiritualidade como um momento pessoal, chamando essa dimensão como autotranscendência:

[...] “autotranscendência” da existência. Isso quer dizer que ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo para alguma coisa ou alguém [...] com base na sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se autorealiza precisamente na medida em que se esquece de si próprio; e ele se esquece de si próprio novamente na medida em que se entrega a uma causa à qual serve, ou a uma pessoa que ama (FRANKL, 2017, p. 77-78).

Por fim, a espiritualidade é essencial para o desenvolvimento humano porque ajuda as pessoas a construírem um sentido de vida, a se sentirem conectadas com o mundo e a agirem com ética e responsabilidade. No campo da educação, reconhecer essa dimensão pode contribuir para a formação integral dos estudantes, valorizando não só o conhecimento acadêmico, mas também o crescimento pessoal e social.

Apesar de estarem frequentemente associadas, espiritualidade e religiosidade não são sinônimos. Ambas dialogam e, muitas vezes, caminham juntas; contudo, possuem naturezas distintas que merecem ser compreendidas. A espiritualidade refere-se à dimensão interior do indivíduo: sua busca de sentido, sua conexão com o transcendente, seu cultivo de valores como compaixão, gratidão e amor. Trata-se de uma experiência subjetiva, existencial e íntima. Ela pode ocorrer de forma independente de qualquer filiação religiosa, manifestando-se por meio da contemplação, do silêncio, da arte ou de gestos altruístas.

Por outro lado, a religiosidade caracteriza-se por uma expressão cultural e institucionalizada dessa dimensão espiritual. Está associada à adesão a tradições religiosas

específicas, envolvendo crenças, práticas coletivas, rituais e uma comunidade de fé — seja no cristianismo, islã, budismo, espiritismo, entre outros.

O teólogo Leonardo Boff resume bem a distinção: a espiritualidade é o “respirar do espírito”, anterior e mais amplo que a religião, e pode existir com ou sem ela (BOFF, 2000, p. 45). Já a religiosidade é uma expressão cultural dessa busca interior, moldada historicamente por tradições, textos sagrados e instituições.

Imaginemos que não conseguíssemos ou não quiséssemos entender a vida como algo para além da matéria. Seria impossível imaginar uma vida com emoções, com construção de conhecimentos, com sensibilidade, afinal estaríamos sendo animais irracionais. Nossa racionalidade é quem permite que estabeleçamos uma nova ideia que vai além de estar satisfeito estando alimentados, aquecidos ao frio, com calçados para andar nas pedras pontiagudas ou pensando em como explorar Marte. Caso não tivéssemos a condição de racionalizar a partir do metafísico, não conseguiríamos ser sensíveis, seríamos exclusivamente instintivos.

A espiritualidade é como uma fonte de água pura, está ali, esperando encontrar os dispostos a beberem de sua fonte, de encontrar-se consigo e alimentar a potência da vida e percorrer, até mesmo os caminhos já cruzados, com outra intencionalidade, visão e experiência. É necessário condicionar a experiência da espiritualidade com a sua busca, é impossível chegar até a fonte, sem percorrer seu rastro já formado em forma de riacho ou rio.

No ambiente educacional, a distinção entre esses conceitos é crucial. A escola pública, por exemplo, respeita o princípio da laicidade e não pode promover doutrinas religiosas. No entanto, isso não a impede de valorizar a espiritualidade como elemento da formação humana. Vera Candau, ao discutir o ensino dos direitos humanos, enfatiza a importância de ambientes acolhedores que respeitam a diversidade e promovem experiências de autonomia e sensibilidade (CANDAU, 2012, p. 721). Essa educação espiritualizada não ataca nem substitui a religiosidade dos alunos, mas estimula o desenvolvimento interior por meio da escuta, do silêncio, do diálogo e do cuidado com o outro.

Em contextos de cuidado, como na saúde, em nível nacional, já existem algumas práticas desenvolvidas, como as Práticas Integrativas em Saúde (PICS), adotadas pelo SUS. Essas incorporam a espiritualidade como parte do cuidado integral, sem vínculo religioso, o que amplia a atenção ao bem-estar do indivíduo e tomando essa dimensão como essencial.

Expressam que “Baseado em teorias e experiências de diferentes culturas, utilizadas para promoção da saúde, prevenção e recuperação, considerando o ser integral em todas as suas dimensões” (BRASIL, 2022).

A religiosidade, por sua vez, nos ensina sobre símbolos, ritos e ética coletiva, aspectos valiosos para identidade e pertencimento, mas não necessariamente inclui a vivência existencial contemplativa que caracteriza a espiritualidade genuína. Assim, a religiosidade é a forma organizada e coletiva de expressar a espiritualidade, ela não a esgota. Afinal, muitos indivíduos são profundamente espirituais sem pertencer a uma religião institucional, cultivam interioridade, valores e conexão com o sentido da vida por outros caminhos. Reconhecer essa diferença é essencial para respeitar essa diversidade de experiências humanas, possibilitadas nos espaços educativos e sociais, se tornem verdadeiramente inclusivos, conscientes da individualidade de cada trajetória espiritual.

Numa linguagem que dialoga com o tema da espiritualidade, um permeio possível está na sua correlação com aquilo que é desconhecido:

O mistério das coisas e do ser está aí a todo momento e tempo. De tão acostumados que estamos a fixar a visão naquilo que se convencionou enxergar, não conseguimos atingir o estranhamento e a incerteza, quanto mais o mistério, que é, à vista disso, o caos necessário dentro do cosmos para a sua própria transcendência. (BALBINOT, 2018, p. 83).

Partindo desse olhar, do caos, percebe-se a importância de possibilitar esses espaços de reencontro com o próprio espírito. Quando afirmo essa necessidade, não refiro somente aos alunos, mas para toda a comunidade educativa, tomando para a escola como um espaço que, objetivando a integralidade, também oferece um enriquecimento do equilíbrio e espiritualidade.

Um dos pontos que corresponde a isso está dentro da própria busca da espiritualidade na religiosidade. Por mais que o foco elaborado até agora seja fazer uma distinção entre essas duas dimensões, um dos pontos que atraem as pessoas para alguma religião é a concretização simbólica de sentido no metafísico. Ou seja, ir ao encontro do mistério e não necessariamente compreendê-lo por completo, mas fazer um itinerário formativo que expanda as condições humanamente complexas para um maior conhecimento do desconhecido. Ainda em Balbinot:

O encontro com o mistério mantém e alimenta o desejo de transcendência, em vez de fazer o ser humano recuar ao porto seguro do já conhecido, pois causa tremor e fascínio, assombro e atração. O assombro faz o ser tremer desde o seu profundo,

libera a endorfina do sentido e acende o ímpeto de busca e de adentramento naquilo que se revela deslumbrante[...] Avançar ao interior do desconhecido faz ver diferente o que já se tinha certeza de conhecer perfeitamente (2018, p. 97).

Esse encontro pode provocar um momento de crise, afinal, há algo além daquilo que até então fora sua certeza e verdade, apropriar-se de uma nova forma de vida não permite que abandonemos o todo já construído, mas possibilita uma ressignificação da forma que vivemos, que vemos a própria existência. É a atitude de humildade que favorece o encontro da existência com a dimensão do sagrado.

Entendendo essa importância, na seção seguinte buscamos refletir sobre o que os documentos legais trazem sobre esse tema.

3. O pedagogo e as práticas de espiritualidade nos contextos educacionais

Partindo do pressuposto de que a espiritualidade não deve ser confundida com religião, trabalhar esses valores no ambiente escolar ajuda a criar um espaço mais acolhedor e humano, onde todos se sentem valorizados. Essa abordagem melhora a convivência entre alunos e professores e fortalece os laços dentro da comunidade escolar. Como explica Freire (1996, p. 75), “não há educação sem amor”, e a espiritualidade pode ajudar a reforçar esse cuidado e atenção durante o processo de aprendizagem.

A espiritualidade contribui para que eles desenvolvam uma visão mais sensível de si mesmos e do mundo ao seu redor, ajudando no seu crescimento pessoal. Tardif destaca que “múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática” (TARDIF, 2002, p. 39). Ou seja, o professor também transmite saberes através da sua postura e dos valores que demonstra no dia a dia, e a espiritualidade pode estar presente nessas atitudes, tornando o ambiente escolar um lugar mais humano e respeitoso. Entendemos que trabalhar com a espiritualidade também é o papel da educação, Morin possui um olhar sobre esse pressuposto:

[...] o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida (MORIN, 2000, p. 47).

Partindo desse olhar, é possível compreender a potência para a complexa riqueza que é a existência, confirmando a importância da educação e da escola na vida de cada indivíduo que frequenta os espaços educativos. Nos documentos internacionais sobre a educação, Delors et al expressam “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade” (2003, p. 99). Segundo Balbinot:

a educação é consubstancial ao ser humano. A questão está sempre aí [...] é uma empreitada humana para a vida; e a vida toda é o centro de gravidade da educação. Educação e vida estão de tal forma entrelaçadas que não há como separá-las. (BALBINOT, 2018, p. 24).

Essa indivisibilidade fornece a possibilidade de tornar a educação como ferramenta de humanização, permitindo o encontro com a essência do ser, que é, e é possível. A espiritualidade é uma dimensão fundamental na vida das pessoas, e seu papel na educação tem ganhado cada vez mais atenção, mesmo que não esteja explicitamente destacada em documentos oficiais.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que é o principal documento que regula a educação no Brasil, a espiritualidade está presente de forma implícita. A LDB enfatiza a formação integral do estudante, contemplando não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também as dimensões emocional, social, ética e moral do indivíduo. O artigo 2º da LDB aponta que a educação deve preparar o aluno para o exercício da cidadania, promovendo o respeito à diversidade cultural e religiosa (BRASIL, 1996, p. 2). Isso indica que a escola precisa reconhecer e valorizar a espiritualidade como parte da identidade de cada estudante, garantindo um ambiente que respeite diferentes crenças e valores, essenciais para o desenvolvimento humano completo.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), que define as competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica, também reconhece a importância da espiritualidade, embora não a cite diretamente. A BNCC apresenta competências gerais que valorizam o desenvolvimento de atitudes e valores fundamentais para a convivência social, como empatia, cooperação, respeito às diferenças e cuidado consigo e com os outros (BRASIL, 2018). Esses aspectos estão relacionados à dimensão espiritual do ser humano, pois envolvem a construção de um sentido de

pertencimento, solidariedade e responsabilidade social. A BNCC incentiva as escolas a desenvolverem uma educação que vá além do ensino de conteúdos técnicos, promovendo o crescimento integral dos alunos e a formação de cidadãos conscientes e éticos.

Dessa forma, tanto a LDB quanto a BNCC, sinalizam para a necessidade de uma educação que contemple a espiritualidade como parte essencial do processo educativo. Reconhecer essa dimensão significa contribuir para a formação de indivíduos que não apenas dominem conteúdos, mas capazes de lidar com suas emoções, tendo relações respeitadas e agir com responsabilidade social e ética. Assim, a espiritualidade na educação favorece um ambiente escolar que prepara os estudantes para viverem em harmonia consigo mesmos e com os outros.

Do ponto de vista do trabalho na escola, pensando na organização curricular, nos perguntamos: será que a espiritualidade se limita ao contexto de uma disciplina ou das disciplinas? Pensar a espiritualidade dentro de uma disciplina ou matéria nos impulsiona a enquadrar essa dimensão dentro do Ensino Religioso, em especial pela construção e simbolismo que está associado ao seu objeto de estudo. Contudo, essa personalização ao Ensino Religioso não está correta.

Essa afirmação permanece como argumento se tomarmos a espiritualidade como única e exclusiva função relacionada à exploração das condições de fé abordadas. Mas, a espiritualidade não está objetificada na fé religiosa, mas na dinâmica da existência da vida. Ou seja, a espiritualidade está para além de uma matéria, ela está no convívio, está na forma de cumprimento, na intencionalidade no momento do planejamento, na explicação de um conteúdo, na tonalidade de voz, na potência do querer estar ali, como professor ou aluno.

Pensar dessa forma pode afastar a necessidade de expressão ou objetificação da espiritualidade, afinal, se está naquilo que é subjetivo, como explorar a espiritualidade em química, matemática... Não está a subjetividade, mais uma vez, na dimensão oculta do fazer pedagógico? Sem dúvidas, o que se pode afirmar é que talvez em Ensino Religioso a busca pela consciência da existência dessa dimensão e a compreensão mais profunda possível seja feita, exatamente para que ela possa ser pensada, sentida e vivida de forma mais intencional e perceptível na dinâmica da sala de aula.

A primeira e elementar necessidade para uma prática ou desenvolvimento espiritual está no reconhecimento dessa dimensão como fundamental para a própria existência, afinal, o

que não é considerado essencial não é explorado. Depois disso, o processo se constitui na percepção de si consigo, com o outro e com todo o mundo. Em um olhar último, revelar uma identidade, implica em desenvolver uma forma de espiritualidade, pois, cada um possui a sua própria espiritualidade.

A didática da espiritualidade não se apresenta como um método fixo ou como um conjunto de técnicas pedagógicas. Ela é, antes de tudo, uma atitude sensível à complexidade do ser humano. Trata de uma forma de permear todo o processo educativo integrando as dimensões para que seja possível uma prática voltada para o desenvolvimento integral da pessoa e para explicitar sua interioridade.

Na prática, essa didática surge da criação de ambientes humanizadores e acolhedores, na Cultura de Paz, nos quais o educador assume uma postura de escuta, presença e respeito à individualidade do outro. É nesse espaço simbólico que a espiritualidade pode se manifestar, não como doutrina religiosa ou moral, mas como dimensão existencial que se manifesta em gestos de cuidado, empatia, silêncio, contemplação e busca de sentido.

Paulo Freire, ao discutir os saberes necessários à prática educativa, oferece pistas essenciais para compreender essa perspectiva. Para ele “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (FREIRE, 1996, p. 69), o que implica reconhecer a educação como uma experiência que ultrapassa o conteúdo e toca o ser do educando e do educador. Essa “aventura” não é uma fuga da realidade, mas um mergulho nela, com profundidade e consciência. Freire reforça que não há ensino sem aprendizagem, no fim último, não há aprendizagem sem alguma espiritualidade.

A espiritualidade, nesse contexto, não é ensinada como um conteúdo, mas é vivenciada na relação pedagógica. O educador que acolhe a espiritualidade como parte do processo educativo compreende que seu papel é o de favorecer experiências de conexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo, permitindo que os educandos desenvolvam autonomia, responsabilidade e sentido para suas vidas.

Outro aspecto importante é a valorização do silêncio como espaço de escuta interior, algo quase ausente na maioria dos ambientes escolares, mas profundamente necessário. A escuta, o tempo desacelerado, os momentos de pausa e reflexão são instrumentos didáticos que abrem espaço para a espiritualidade. Não se trata de algo esotérico ou desvinculado do

que é rotina nas escolas, mas de práticas intencionais que nutrem a dimensão mais profunda do ser humano. Assim, a espiritualidade entra na educação não como imposição, mas como convite; não como doutrina, mas como sentido; não como conteúdo, mas como forma de ser e de estar com o outro. A didática da espiritualidade é aquela que educa para a vida.

Nesse sentido, moldar ou praticar a espiritualidade não significa seguir necessariamente um caminho religioso específico, mas cultivar intencionalmente uma conexão mais profunda com o sentido da vida, com valores que sustentam a existência e com aquilo que transcende o imediatismo do cotidiano. Para além disso, cabe recordarmos que a inconstância da vida, deve ser meio para garantir que estejamos em constante evolução. O foco pessoal, é em si, como afirma Quilici:

O foco no “si mesmo” é, portanto, atenção a uma realidade fundamentalmente instável. Se no trabalho sobre si o homem prepara-se para enfrentar as vicissitudes da vida, para tanto ele deve aprender a aceitar aquilo sobre o qual não exerce controle. No limite, o “si mesmo” indica sempre uma realidade transitória, fadada à dissolução. (2013, p. 47).

A espiritualidade pode ser desenvolvida por meio de práticas como o silêncio interior, a meditação, a oração, a contemplação da natureza, o cultivo da gratidão, da compaixão e da escuta tanto de si mesmo quanto do outro.

Nesse sentido, pensar a espiritualidade está na construção de significado e preparação para além do estudo para esses momentos que são parte do processo de ensino-aprendizagem. Assim, uma das questões complexas no contexto da prática do pedagogo com a dimensão da espiritualidade são a construção formas de avaliação que a considerem, entendendo a especificidade de cada aprendiz. Dentro do processo escolar a avaliação é uma constante e se expressa em variadas possibilidades de execução. Os professores se mobilizam para garantir uma avaliação que possibilite entender a caminhada de cada aluno, compreendendo suas condições e conhecimentos dentro das habilidades e competências que foram desenvolvidas. Contudo, administrar esse processo pode gerar uma situação de ansiedade e desconforto dos alunos, em especial em avaliações objetivas, tanto que tem sido comum a situação de crise no momento em que essas avaliações ocorrem. Logo, considerar a possibilidade de conhecer-se psicologicamente, e, no caso, na dimensão espiritual, elevando a situação para além do momento, para que seja possível estar bem consigo mesmo, potencializa a garantia de estabilidade no momento da realização da avaliação, não necessariamente significa a garantia

de um bom resultado. Pensar nesse aspecto, ainda conduz a refletir sobre a questão do resultado, visto que estando em sintonia com aquilo que está metafisicamente intrínseco a existência fortalece a realização com mais cuidado, confiança e cautela das atividades.

4. Contribuições da Pedagogia Ontopsicológica à prática da espiritualidade

Partindo de minha experiência pessoal, a garantia de espaços que discutam a espiritualidade, mesmo que implicitamente, é fundamental para a valorização das vidas que estão no espaço escolar. Uma realidade que, assim como os outros tempos, possui novidades que todos estão descobrindo. Considerando esse lugar, busco pensar sobre os desafios contemporâneos de trabalhar com a espiritualidade com jovens em sala de aula e na função de coordenador de pastoral em uma escola confessional e as contribuições que na minha trajetória formativa tenho agregado a partir do estudo da pedagogia ontopsicológica.

Uma sinalização possível vem da atual busca de formações, entendimentos e variáveis no uso da inteligência artificial que, apesar de novidade, tem afetado a forma de vida da humanidade. Em certo ponto, assim como a vida desses indivíduos que recebem impulsos e estímulos constantemente, a realidade acelerada, apesar da potente condição humana da razão, não possibilita a assimilação desse todo, chegando ao contexto da crise.

A atitude elementar que sustenta essa dimensão é a humildade. Humildade no sentido de reconhecer a limitação na matéria, que condicionada a nossa existência, de buscar somente naquilo que é físico as respostas dos nossos desejos ou bem-estar, possibilitando a ideia de extrapolar a dimensão material e explorar o metafísico, que também é parte da dinâmica que vivemos. Em Meneghetti (2019), o sentido de viver a humildade seria o reconhecimento da riqueza da própria existência e a sua relação com o cosmos como a verdadeira busca. Ou seja, reconhecer na finitude da vida humana, a possibilidade de encontrar-se com o maior e possível projeto de realização, o de Si. Para Meneghetti, trata-se do Em Si ôntico, a elaboração do plano base da vida de cada indivíduo, aquilo que fará da própria existência um ato de felicidade, de encontro com a própria natureza e sinergia com tudo que está, ou não, aos nossos olhos. Mas, de forma especial, reconhecer na semântica da vida os sinais que correspondem a sintonia do meu viver, ou seja, conhecer-se a si e ao outro tão bem, a ponto de

encontrar situações como sinais ou atenções para qualificar a experiência do meu projeto de vida.

Dentro dessa visão Quilici, nos auxilia a compreender que a ética do “cuidar-se significaria também tomar a própria vida como obra de arte a ser consumada, para que ela possa se manifestar no seu pleno brilho” (2013, p. 78). A espiritualidade também se expressa na vivência ética, na busca por coerência entre o que se sente, se pensa e se faz, e na abertura a experiências que favoreçam o autoconhecimento e o cuidado com a vida em todas as suas formas. Assim, praticar a espiritualidade é um exercício contínuo de presença, de escuta e de conexão. É reconhecer-se parte de algo maior e permitir que essa consciência oriente as ações cotidianas, os relacionamentos e os projetos de vida. Desenvolver a espiritualidade, portanto, é um caminho pessoal, mas que se enriquece na partilha, no encontro e na construção coletiva de sentido.

Dentro dessa visão, é possível pensar nessa dimensão ontológica que o ser humano, como parte da vida, se comunica de forma intencional constantemente (Meneghetti, 2024). Para o autor, “O campo semântico é a comunicação base que a vida usa no interior das próprias individuações. Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia” (MENEGHETTI, 2021, p. 38), portanto, se a vida tem e usa uma forma própria para se comunicar, nós humanos, somos como parte dessa complexidade, não apenas emitimos informações e as recebemos mas, somos capazes de compreender estas informações. O ser humano portanto, tem a capacidade de colher as intencionalidades das ações, colher as dinâmicas, os designs da ação, ou seja, a direção, a força e o sentido (finalidade).

Conseguindo compreender as intencionalidades nas interações, o pedagogo, por meio da ação pedagógica situada na dinâmica da vida, naquele contexto educativo, com aqueles indivíduos, considerando a dimensão consciente e inconsciente do ser humano, no campo profissional, pode ter um instrumento a mais que lhe possibilita planejar e executar práticas educativas congruentes às necessidades reais e significativas nas relações construídas com seus aprendizes.

Meneghetti aponta uma alternativa paradigmática para a compreensão da relação entre essa dimensão e a nossa existência: “O corpo é a palavra da alma. Ele dá a concretude às projeções do espírito e a expressão que quantifica a ordem da mente. É a função histórica da

atividade do espírito e a base fenomênica da subjetividade” (2024, p. 281). Portanto, se existe uma comunicação base da vida, essa se manifesta e é colhida pelo corpo.

Certamente essa afirmação nos leva a um olhar mais profundo e que gera implicações diretas e incontestáveis. Apesar da dimensão metafísica, a espiritualidade só é possível por meio da materialidade de uma corporalidade. Isso não significa que todos reconhecem esse fenômeno em si, e acabam buscando em outros lugares. Tanto que o próprio autor caracteriza a religião e explica o seu papel:

A religião é muito válida em sentido pedagógico, dá as diretivas referentes ao saber último, mas são apenas bons corrimãos. O sábio não luta contra a religião, ele a supera, porque possui a evidência superior, porém a respeita, ou melhor, em um primeiro momento a ama. O sentido da religiosidade em si e por si é um dado positivo que se revela a sede pelo além. (Meneghetti, 2024, p. 267).

Apesar dessa confirmação e como prova de que o autor “ama” a religião, está na elaboração de outros significados de seus estudos, que muitas vezes apresentam analogias aos credos religiosos, em especial da fé cristã. É possível estabelecer essa relação visando que o olhar de estar atento aos sinais da vida/projeto, podem estar clamando em quase todos os lugares. Ainda, Meneghetti (2024) explicita que a maioria dos grandes e verdadeiros cientistas são ateus, no pois não creem no Deus estabelecido pelas instituições religiosas, mas por que eles sabem “a lei profunda, harmônica, maravilhosa daquilo que é o Ser, que muitos chamam de Deus sem saber o que é” (MENEGHETTI, 2024, p. 268).

Um olhar elaborado a partir da razão e motivação da existência do cosmos em sua totalidade não poderia deixar de compreender a espiritualidade como algo que compõe a riqueza do homem. Nos meus percursos de estudos da compreensão ontopsicológica a espiritualidade, possui a sua expressão na forma mais clara, partindo do princípio do reconhecimento de si como espaço de emancipação e relação com o todo. Meneghetti em sua escrita sobre a experiência do ser confronta todas as verdades colocando em jogo algo maior, onde o Eu é de suma importância, e o grande projeto, porém, tão grandiosamente encontra-se em si a resposta para o sucesso, é conectado e interferido por todos os outros seres e existências. Essa aproximação pode ser entendida através de um pequeno trecho em que ele discorre sobre as células:

Elas têm um ritmo próprio, mas qualquer coisa, para mover-se, precisa ser inserido no movimento, não pode estar isolada do resto. Conexa, existe uma forma de prazer. Na nossa vida cotidiana, não colhemos o prazer no momento em que as nossas

células tocam, mas quando visionamos na consciência o ato daquele prazer. Assim também com a dor. No fim, tudo é imagem. Na experiência que falo, ao invés disso, pode-se colher todos os prazeres, de qualquer gênero, contemporaneamente estando imóveis nesta semovência infinita. (2024, p. 293) .

À medida em que o texto foi escrito, muitas das construções foram atravessadas pelas reflexões pessoais elaboradas, em especial, no sentido da concepção da religião. A superação dessa temática, que por muitas vezes foi motivo para readequação ou mudança da escrita, também foi uma forma de desestabilizar as minhas formas de pensar iniciais. Colocar o texto para além da compreensão pessoal e pensar em algo coletivo ou que vá além da minha própria concepção, também possibilitou que essa escrita fosse uma forma de desenvolver a minha espiritualidade.

Fazendo uma reflexão sobre o que ocorreu em minha trajetória de vida pessoal, percebi que ter saído de casa proporcionou um momento de mudança da forma de viver a espiritualidade. Isso permitiu que eu tivesse uma experiência mais próxima para viver comigo e perceber que sou capaz de me encontrar com a minha verdade, com aquilo que desejo para mim. Essa alteração possibilitou a ampliação, para além do ciclo biológico e uma aproximação com um ciclo psíquico.

Colocando em prática essa mudança, percebi uma potencialização da minha formação como pedagogo, fazendo com que o meu papel na sala de aula e nos espaços da escola, sejam organizados para que os alunos também possam ter a sensação de emancipação. Pude fazer um afastamento contínuo da dependência da necessidade financeira de minha família, potencializando a conquista das minhas próprias aquisições, vivência da minha realização na forma de viver, alterando a forma de ver o mundo, antes relacionada ao viver de dentro de casa, naquela relação. Nisso, o que me fortaleceu, além de ver que é possível, foi que ninguém estava sofrendo naquela relação, pois todos puderam ser livres e autônomos na própria escolha de vida, na minha, de ter saído de casa e dos meus pais de viverem o seu casamento.

Essa potencialidade vejo na sala de aula, à medida que ao passar dos anos, na perspectiva do autoconhecimento e na proposição de momentos de espiritualidade, os alunos também conseguem conectar-se consigo. Não no sentido de quererem sair de casa e terem suas próprias vidas, mas no acendimento de uma condição da relação da necessidade do esforço para a superação dos próprios desafios e da realização de seu projeto de vida, sendo

que para isso, possam construir por meio da aquisição de instrumentos funcionais a sua ambição, com boas notas, boas relações, amadurecimento da resolução de conflitos. É necessário que o aluno reconheça que ele é o agente principal da própria história, mesmo que em condições proporcionadas, no momento, pelos seus genitores. Essa independência, estimula a prática do cuidado de si e na vigília constante do próprio projeto.

Essa dinâmica é possível levando em consideração que as sugestões como os momentos de silenciamento, meditação, contemplação são oferecidas dentro do período escolar, na disciplina que leciono atualmente, ensino religioso, e a percepção e valorização desses momentos com o acompanhamento contínuo de escuta sobre as experiências dos alunos, possibilitando auxiliá-los no aprofundamento da vivência nesses espaços construídos. Uma das principais intenções, por meio dessas ações, está na intenção do reconhecimento do próprio corpo como manifestação sagrada e milagrosa, diante da imensidão do contexto de nossa existência. Meneghetti (2019) tem um olhar para essa compreensão, afirmando que é dever estimular o adolescente a aprender a amar, a ter amor ao próprio corpo, nesse sentido:

Aprender com amor o próprio corpo significa dar-se conta de que ele é o primeiro ponto de todo verdadeiro do qual principia todo real e que a última realidade da alma se baseia na palavra corpo. Nenhum sentido é traduzível fora da palavra, fora daquilo que é verbo, símbolo. O corpo é o símbolo do Ser, é a palavra em que o espírito se indica presente também do externo (2019, p. 98).

Partindo dessa ideia, é impossível desvincular a corporeidade do fator espiritualidade. Essa a riqueza que se fortalece quando estabelecido uma relação digna consigo, enquanto projeto. E, entendendo que esse projeto pertence a algo maior do qual somos parte, é outro ponto indispensável, Meneghetti contextualiza:

É fundamental recordar que somos uma pequena parte da inteligência do universo e estamos no interior de um projeto extraordinário de vida. Cada homem não pode, na sua mínima parte, trair o particular desse projeto. Se o fazemos, se sofre: o projeto da grande vida prossegue sereno, e o impróprio fica expulso. (2019, p. 194).

Em um fim convicto, explorar a espiritualidade, seu conhecimento, desenvolvimento, aplicação prática, é fundamental para a vida. Sem espiritualidade a experiência da vida pode até acontecer, contudo não estará em sintonia com todas as outras manifestações da vida. Essa reflexão infere responsabilidade de quem conhece essa premissa, a ideia de partilhar com os seus a possibilidade de escolha para encontrar-se e viver em plenitude, contribuindo com o

grande projeto da vida, motivação pela qual, fomos tensionados a entrar e estar na existência individuada e única.

5. Considerações Finais

Falar sobre espiritualidade, por mais que partimos da ideia da subjetividade na individualidade, remete em situações e relações comuns. Como espaço de encontro de culturas, a escola não seria um espaço livre desse acontecimento. A discussão sobre a necessidade ou a validação dessa dimensão é incontestável, afinal, o perímetro utilizado foi o de pensar a educação, a escola e a atuação do pedagogo na integralidade.

É possível que a percepção da experiência da espiritualidade não seja, a priori, uma possibilidade de alcançar a plenitude, afinal vivemos em constante inconstância na nossa existência. Porém, se faz necessário avaliar a elevação da experiência nessa dimensão como fundamental para contribuir na potencialização da qualificação do bem viver em todas as relações possíveis.

O ponto principal referente a construção da dissociação da espiritualidade e a religiosidade, se pauta principalmente na elaboração de significados que se amparam no argumento da religiosidade estar relacionada à instituição religiosa. Enquanto a espiritualidade está para algo maior que uma instituição e se manifesta de forma mais livre, não necessariamente dentro de uma construção dogmática. Essa afirmação não rompe com a ideia de que é possível e real a vivência da espiritualidade na religião.

Nosso estudo, buscando entender como a espiritualidade está expressa nos documentos norteadores da educação brasileira, estabeleceu algumas considerações importantes. Apesar de termos que fazer um esforço e a associação para compreendermos a espiritualidade nos ocultamentos possíveis, verificamos que essa dimensão se faz presente implicitamente. Nisso ela é potenciada, por um lado, na abrangência e na forma como pode ser desenvolvida valorizando a exploração e a riqueza dessa dimensão. Contudo, por outro lado, sua amplitude pode levar a dificuldade de compreensão e operacionalização dessa dimensão tão sublime do ser humano na construção dos currículos e por consequência em práticas pedagógicas não coerentes aos princípios éticos e legais. Entender que essa dimensão ainda é pouco explorada explicitamente potencializa a riqueza do estudo, dando margem a possíveis causas desse

ocultamento: a dificuldade em organizar metodologicamente uma dimensão que possui caráter subjetivo; insegurança na exploração de conceitos que extrapolem as compreensões da hegemonia religiosa na construção do arquétipo social.

Para que a efetivação dessa esfera seja aplicada, a espiritualidade precisa ser investigada e vivenciada conscientemente ao menos por quem conduz a ação, visto que proporcionará momentos e espaços que facilitem o acesso, compreensão e reconhecimento dessa dimensão e o seu aprofundamento. Também nesse sentido, efetivar práticas que evoluam a espiritualidade no cotidiano, intencionalmente ou de forma implícita, se faz a partir do autoconhecimento.

Nesta direção, a contribuição da pedagogia ontopsicológica possibilita um salto para a compreensão de si como projeto possível e na construção de alternativas e caminhos para crescermos na proposta da integralidade. Fazendo com que o ato de vida seja, previamente a ação pedagógica, um ato que favoreça e engrandeça a existência de quem se torna conhecedor de si e quem viabiliza, por meio disso, intencionalmente, o espaço para que o outro também possa ser cada vez mais.

Como fragilidade dessa pesquisa, fica o olhar consciente da busca de autores, em grande parte, pertencentes a uma experiência religiosa institucional. Ou seja, ainda é possível expandir o olhar sobre o foco da pesquisa, a espiritualidade, em outras vertentes teóricas e vivenciais.

Assim, o debruçar-me sobre a temática da espiritualidade nas práticas pedagógicas me permitiu potencializar a minha compreensão prévia de que essa dimensão é imprescindível para uma educação/escola integral/integradora. Elevar-se e compreender a dimensão metafísica, agrega um saber real, intocável, desafiador que engrandece a existência e toda a esfera pedagógica e para além-escola.

Por fim, essa pesquisa me levou a amadurecer algumas compreensões e questionamentos que me inquietam mas que não me sentia em condições de esboçar novos entendimentos. Com a pesquisa novos horizontes se abriram, percorrendo esses caminhos consegui explorar e esboçar novas formas pelas quais o pedagogo pode trabalhar de modo a beneficiar a si e aos seus aprendizes. De todo modo, nosso estudo não esgota a sua complexidade e deixa um convite a explorar cada vez mais e, de forma profunda, essa temática tão importante na vida de cada novo ser humano que interage comigo.

Referências

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 de maio de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 24 de maio de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Técnicas da medicina tradicional, como homeopatia, meditação e yoga podem ser encontradas no SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/outubro/tecnicas-da-medicina-tradicional-como-homeopatia-meditacao-e-yoga-podem-ser-encontradas-no-sus>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 120, jul./set. 2012.

DELORS, Jacques. et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. 33ª edição.

GIORDANI, Estela Maris; HUNDERTMARK, Andressa Stefanon; FOGAÇA, Maria Eduarda Oliveira. Aprendizagem da pedagogia ontopsicológica na formação inicial de uma pedagoga e uma educadora especial. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, V. 11, nº 01, jan.-jun., 2025, artigo nº 2671, p. 1-17. DOI: <https://doi.org/10.23899/phh3ec43>.

MENEGHETTI, Antonio. *Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 6. ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. *Projeto homem*. 4. ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: diálogos necessários*. São Paulo: Paulus, 2005.

XI Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e X Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM

Dezembro de 2025, Online | claec.org/ehm

Artigos Completos

QUILICI, Cassiano Sydow. Ética e “cuidado de si”. In: LOPARIC, Zeljko (org.). *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW Editorial, 2013.

TARDIF, Michel. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.